

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NATANAEL VALEJO SALES**

**LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA: DESPERTAR AS COMPETÊNCIAS  
LEITORAS DOS EDUCANDO, NA TURMA DO 4º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL INDIGENNA PORTO CRUZEIRNO,  
MUNICÍPIO DE BENJAMIM CONSTANT-AMAZONAS.**

**Tabatinga – AM  
2017**

**NATANAEL VALEJO SALES**

**LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA: DESPERTAR AS COMPETÊNCIAS LEITORAS DOS EDUCANDO, NA TURMA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL INDIGENNA PORTO CRUZEIRNHO, MUNICÍPIO DE BENJAMIM CONSTANT-AMAZONAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentado como requisito para obtenção do  
grau de licenciado em Pedagogia pela  
Universidade do Estado do Amazonas.

Orientador: Prof. Cleuter Tenazor Tananta

**Tabatinga – AM  
2017**

**NATANAEL VALEJO SALES**

**LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA: DESPERTAR AS COMPETÊNCIAS LEITORAS DOS EDUCANDO, NA TURMA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL INDIGENNA PORTO CRUZEIRNHO, MUNICÍPIO DE BENJAMIM CONSTANT-AMAZONAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado para à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

**BANCA AVALIADORA**

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Msc. Rosi Meri Bukowitz Jankauskas

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup> .....  
Centro de Estudos Superiores de Tabatinga

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup> .....  
Centro de Estudos Superiores de Tabatinga

**Tabatinga – AM  
2017**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais:  
Principalmente a minha mãe Edina  
Valejo pelo estímulo e dedicação.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por ter abençoado a minha vida durante todos esses anos que passei dentro desta academia de ensino. Dando todos os dias coragem, força de vontade, alegria, paz, e principalmente saúde.

Agradeço a minha família por ter me motivado durante a cada dia que passava, me ajudando nos momentos que eu sentia mais dificuldade, para enfrentar a realidade do dia-dia dentro da sociedade, a me dedicar ainda mais nos meus estudos, me orientando a não participar de coisas ruins que ocorrem neste mundo que vivemos.

Assim no futuro posso colher os frutos que foram plantados durante todos esses anos de muitas batalhas dentro desta instituição de ensino.

Agradeço a todos meus amigos que me motivaram, a seguir em frente, me ajudando naqueles momentos que eu mais precisava.

Agradeço a todos meus docentes que me ajudaram e incentivaram, principalmente ao orientador Prof. Cleuter Tenazor Tananta pela orientação do TCC, dentro da universidade, assim em todos os momentos durante todos esses meses que passamos juntos em sala de aula.

Agradeço também a nossa universidade do estado do Amazonas que contribuiu durante todos esses anos a todos nós educandos, docente, setor administrativo enfim, toda a comunidade escolar que faz parte da nossa universidade, sempre trabalhando juntos em parceria na melhoria de um ensino de qualidade para todos nós, levando a educação a sério, motivando, orientando, trabalhando, buscando novas metodologias, para nossos educandos saírem mais preparados e capazes de conseguir seu espaço dentro da sociedade no mercado de trabalho.

Agradeço a Deus, a minha família, aos meus parentes, aos meus amigos, aos meus docentes, e principalmente a nossa Universidade por ter nos acolhido durante todos esses anos de muita batalha.

“Tudo posso naquele que me fortalece.”  
Filipenses 4-13

## **LISTA DE SIGLAS**

ME – Ministério da Educação

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

UEA- Universidade do Estado do Amazonas

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**GRÁFICO 1- Atividades que os discentes gostam de fazer na sala de aula.....40**

## RESUMO

A presente monografia tem como tema “leitura e escrita em sala de aula: despertar as competências leitoras dos educando, na turma do 4º ano do ensino fundamental na escola municipal indígena “porto cruzeirinho”. Trata-se de uma observação sobre a leitura como fator essencial para aquisição do conhecimento de nossos educandos. Esta monografia tem como objetivo apresentar a leitura como fator essencial para uma aprendizagem significativa para as crianças, objetivando a formação intelectual da criança dentro de uma sociedade exigente. Para tanto, buscamos bases teóricas que subsidiassem o tema em pauta, além de serem capazes de nortear a prática pedagógica do docente. Este trabalho monográfico se pauta numa abordagem qualitativa a qual se realizou atividades como: entrevistas, observação participante e aplicação questionários com professores e alunos da Escola municipal indígena “porto cruzeirinho, onde podemos ter uma visão da prática pedagógica do professor na sala de aula relacionada à leitura. Sabemos que a leitura possui imensa influencia na construção do senso crítico e o que vemos são crianças impossibilitadas a desenvolver atividades no que diz respeito à leitura. Procuramos utilizar uma metodologia coerente com a realidade do aluno e da escola no qual observamos. Os resultados obtidos demonstraram que nossas crianças precisam ser mais incentivadas ao hábito da leitura e que a prática docente precisa ser repensada todos os dias com a intenção de cada vez mais tornarmos nossos alunos bons leitores. Constatamos que formar um leitor crítico não depende exclusivamente de colocar o aluno para ler, mas sim para praticar constantemente a leitura de textos diversificados e extrair dos mesmos o seu significado.

**Palavras chave:** Leitura; desafios; aprendizagem.

## RESUMEN

La presente monografía tiene como tema "lectura escrita en el aula: despertar competencias lectoras de los educandos, en la clase del 4º año de la enseñanza fundamental en la escuela municipal indígena" puerto cruzeirinho ". Se trata de una observación sobre la lectura como factor esencial para la adquisición del conocimiento de nuestros educandos. Esta monografía tiene como objetivo presentar la lectura como factor esencial para un aprendizaje significativo para los niños, objetivando la formación intelectual del niño dentro de una sociedad exigente. Para ello, buscamos bases teóricas que subsidiar el tema en pauta, además de ser capaces de orientar la práctica pedagógica del docente. Este trabajo monográfico se orienta en un abordaje cualitativo a la cual se realizaron actividades como: entrevistas, observación participante y aplicación cuestionarios con profesores y alumnos de la Escuela municipal indígena "puerto cruzeirinho, donde podemos tener una visión de la práctica pedagógica del profesor en el aula relacionada Lectura. Sabemos que la lectura tiene inmensa influencia en la construcción del sentido crítico y lo que vemos son niños imposibilitados a desarrollar actividades en lo que se refiere a la lectura. Buscamos utilizar una metodología coherente con la realidad del alumno y de la escuela en la que observamos. Los resultados obtenidos demostraron que nuestros niños necesitan ser más incentivados al hábito de la lectura y que la práctica docente necesita ser repensada todos los días con la intención de cada vez más de hacer a nuestros alumnos buenos lectores. Constatamos que formar un lector crítico no depende exclusivamente de colocar al alumno para leer, sino para practicar constantemente la lectura de textos diversificados y extraer de los mismos su significado.

**Palabras clave:** Lectura; Los desafíos; Aprendizaje.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
A leitura como aquisição de habilidades e processamentos.....	16
Fator essencial para uma aprendizagem significativa.....	16
Contextualização de ensino da leitura e a prática escolar.....	26
<b>CAPÍTULO II – MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é despertar a sensibilidade e o prazer pela leitura, levando o educando a refletir sobre seus atos, possibilitando que eles participem de situações de comunicação oral e escrita, como contar e recontar história, podendo também escrevê-las, formar leitores e algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso do que se faz deles nas práticas de ler e, também, um modo de produzir sentidos.

Assim, este projeto tem a finalidade de despertar, nos educandos, o gosto pela leitura, interpretação de textos e pela escrita convencional. Cabe ao docente, então, realizar-se no universo de cada um deles, respeitando seus interesses, despertando a criatividade, dando-lhe a mesma oportunidade de tentar novas experiências que resultem em aprendizado, através da fala ou da escrita para assim, poder integrar-se no contexto social em que vivem.

Assim proporcionar aos educadores meios para estar vivenciando a prática da leitura e a escrita de forma mais clara e objetiva, onde o aluno seja parceiro do educador, para que aconteça o processo ensino-aprendizagem. Pois se sabe que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, e é justamente dentro deste processo que se torna importante que o leitor possa alcançar os objetivos que guiam sua leitura. Dentro do contexto deste projeto será dada ênfase a “leitura”, não dizendo que a “escrita” não é importante, mas segundo Cagliari, Ferreiro e Teberosky, a leitura precede à escrita. Neste sentido, revela-se a importância de relatar que a leitura, no que diz respeito às séries iniciais se trata, antes de tudo, de um objetivo de ensino e, para se constituir também um objetivo de aprendizagem, é necessário que este tenha sentido do ponto de vista do aluno. Assim, para construir o conhecimento é necessário unir o saber, a experiência e a consciência e muitas vezes a escola propicia esta construção de forma abstrata.

Este trabalho vai abranger sugestões de alguns teóricos, como também relato de experiência, e ideias propostas para contribuir no sentido de colaborar como o educador no que diz respeito à leitura e a escrita em sala de aula nas séries iniciais do ensino fundamental.

Para analisar profundamente esta questão aplicou-se este estudo metodológico de ensino em relação ao ensino aprendizagem leitura e escrita em sala de aula, aos discentes do 4º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Indígena Porto Cruzeiro, Comunidade Indígena Bom Caminho, Zona rural localidade Município de Benjamin Constant.

Analisar o processo de ensino aprendizagem leitura e escrita em sala de aula, e uma imensa problematização nas redes públicas de ensino em todo país. É um desafio que a

Secretaria Municipal de educação, seja Estadual ou Federal vem trabalhando neste ano através de projetos, proposta pedagógica em relação a educação na melhoria de todos.

## **CAPÍTULO I**

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **A leitura como aquisição de habilidades e processamentos**

Sabemos que a leitura é muito importante para o desenvolvimento do ser humano no sentido de contribuir com o trabalho do professor no seu fazer cotidiano. A prática da leitura como fator essencial no aprendizado das crianças se torna mais atrativa quando a mesma é posta de forma lúdica, sendo uma prática essencialmente necessária para o desenvolvimento dos alunos não só dentro da sala de aula.

A criança desde o seio familiar é moldada para viver socialmente dentro de seu tempo, vivenciando cada coisa a seu momento, quando adentra a escola ela vai aperfeiçoar seus ensinamentos, principalmente a leitura com intuito de assimilar todos os conteúdos repassados a ela, e finalmente reproduzir valores, normas experiências vividas não só no âmbito escolar, mas também fora dela dentro da sociedade.

A leitura é um processo de aprendizagem contínuo e por esta razão ela se torna um fator essencial na vida dos educandos, e nesse processo o aluno necessita de atividades significativas e prazerosas, que propiciem desafios para os mesmos sintam-se instigados a construir seus conhecimentos. Entretanto, para que a construção de conhecimento na criança seja expressiva e significativa não podemos eliminar todo conhecimento que a mesma já traz consigo, ou seja, sua bagagem social, não só no que diz respeito a leitura, mas a que a mesma carrega consigo desde muito antes adentrar na escola. “A aprendizagem é uma modificação duradoura do comprometimento, em função de aquisições devidas as experiências” (OLIVEIRA, 1993, p.133).

A criança quando inicia sua vida escolar ela vem cheia de ideias, ilusões, pensamentos formados de um mundo diferente do que ela está habituada, sendo assim o professor precisa utilizar-se de todas as informações que a mesma traz consigo para então procurar mostrar a ela o quanto a leitura é essencial para sua formação. A educação é um fato social, é por isso que precisamos formar bons leitores, capazes de se desenvolverem para uma vida cheia de obstáculos e dificuldades.

O processo de ensino aprendizagem poderia ter uma forma mais prazerosa e significativa com benefícios de conhecimentos mais eficazes, se fossem introduzidas metodologias que motivassem as crianças, mostrando a elas o mundo encantador que é a leitura e que tanto contribui para o crescimento intelectual de cada ser, oportunizassem também momentos de descontração sempre levando em conta a leitura como fator essencial

para aprendizagem do discente, fazendo com que os mesmos criem e participem cada vez mais do processo de aprendizagem no cotidiano escolar.

Sem falar que trabalhar a leitura através da ludicidade resgata até mesmo a autoestima da criança fazendo com que a mesma seja mais ativa no cotidiano escolar. Sendo assim, podemos dizer que através da leitura o aluno se desinibe se tornando cada vez mais participativo e sociável.

É a educação que sustenta viva a memória de um de cada indivíduo e das condições ao mesmo de se desenvolverem e terem autonomia. É, portanto, essencial para socialização do ser com a sociedade. Fazendo uma comparação dos tempos passados com os dias atuais, veremos que grandes avanços aconteceram, e que a educação cada vez mais se faz importante em nossas vidas, dessa maneira, queremos dar ênfase à leitura como fator essencial para aprendizagem, pois ela é a base para toda uma interpretação, não só de textos, mas do mundo. Podemos observar ainda, que existe um consenso sobre os avanços do homem e da sociedade, pois por meio da leitura podemos ampliar os horizontes, refazer a cada dia que se passa um mundo melhor através da leitura, construindo assim novos saberes e, quando nos permitidos discutir pontos com os quais discordamos ou visualizamos com outros prismas, abrindo novas perspectivas para a vida em sociedade.

Se o aluno não tem a oportunidade de desenvolver e enriquecer sua linguagem através da leitura, tornara-se incapaz não só de compreender o mundo que o cerca, bem como também será incapaz de agir sobre o mesmo.

O educador é um mediador, um organizador do tempo, do espaço, das atividades, dos limites, das certezas até das incertezas do dia-a-dia da criança em seu processo de construção de conhecimentos. É ele quem cria e recria sua proposta político-pedagógica e para que ela seja concreta, crítica dialética, este educador deve ter competência técnica para fazê-la. (SANTOS, 1997, p. 61).

Aos professores é dada a responsabilidade de encaminhar seus alunos a um mundo de grandes descobertas proporcionando a eles uma aprendizagem prazerosa e estimulante, que vá do mero ato de repassar conteúdos a fazer com que o aluno seja o articulador de suas opiniões. A escola deve ser um ambiente que proporcione mudanças na vida do educando, um ambiente onde ele possa se identificar não só com os professores, mas também com toda a comunidade escolar. É importante que a criança interaja de diversas formas para facilitar assim sua convivência com os demais. Precisamos levar em conta que a leitura é um caminho que leva aos mais variados mundos, precisamos motivar nossas crianças a se desenvolverem sempre com a intenção de buscar sempre mais, pois ler vai muito além do que decifrar

códigos vai muito além do que simplesmente saber o que está escrito em cada texto, a leitura nos mostra que podemos viajar por um mundo imaginário e fascinante no qual a criança está inserida. “A leitura deve ser uma atividade cotidiana, mas não precisa ter hora marcada nem deve se restringir a obras novas. Que tal retomar um livro que foi difícil de ler (ou aquele que você adorou)?”. Nova escola (2010, p. 57).

Para que possamos evidenciar a leitura no cotidiano de nossas crianças precisamos fazer primeiramente que a mesma tenha consciência da importância que a leitura tem. Para sermos motivadores precisamos gostar do ato de ler, não basta apenas dizermos que a criança tem que ler, mas precisamos mostrar a ela que da leitura se faz todo e qualquer aprendizagem. A leitura como fator essencial para aprendizagem não precisa ser como remédio que precisamos tomar na hora certa para curar, mas é preciso de estímulos, pois a criança por si só não terá consciência de que a leitura é importante para si.

### **Fator essencial para uma aprendizagem significativa**

Muito se fala em leitura como fator essencial para aprendizagem, e de como a escola deve ser um lugar estimulador para leitura. Mas a realidade é que cada vez mais vemos as salas de aulas cheias de alunos que estão condicionados apenas a caderno e quadro escolar, livro didático e textos mimeografados. Não é isso que queremos para nossas crianças hoje em dia, queremos pessoas capazes de se impor dentro de uma sociedade, capaz de desenvolver-se para o mundo. Os alunos precisam não só de estímulos, mas também de exemplos a serem seguidos, precisam entender os benefícios de uma boa leitura, pois alunos que se formam sem saber de tais benefícios acabam não lendo mais, acabam se fechando a um mundo bastante restrito apenas ler por ler.

O aluno precisa ter alegria em sair de casa para ir até a escola e chegando lá o professor precisa incentivar mais ainda para que seus alunos saibam o que realmente eles buscam naquele espaço de aprendizagem. Cabe a escola não só o incentivo, mas dar o acesso não só ao livro didático, bem como obras literárias, mostrando a elas a diversidade que tem o mundo da leitura, fazer com que a criança viaje num mundo desconhecido fazendo parte daquela aventura daquele momento que é único. Tudo pelo prazer que a leitura proporciona, de nos levar a outros mundos, outras épocas, sendo um percurso que idealmente deve começar desde a infância, mas pode muito bem se iniciar um pouco mais tarde desde que seja evidenciada a sua importância.

Quando o discente encontra dentro da escola um espaço no qual ela possa dar suas opiniões sobre os textos estudados, sempre com a possibilidade de interpretações de imediato, começamos a partir daí desenvolver a curiosidade e o desejo de ir além do que revela o que está escrito. Assim, os alunos vão passar a ver a leitura não como uma simples tarefa escolar a ser cumprida, mas também como um hábito cotidiano.

Podemos dizer que para leitura como fator essencial para aprendizagem deve ter dois momentos básicos – primeiramente o contato com livros, seja em casa, na escola em rodas de conversas em que o professor lê para seus alunos e não apenas os alunos lêem aleatoriamente; neste caso o professor precisa planejar suas aulas de forma que os textos sejam escolhidos conforme o que se quer ensinar. Num segundo momento é necessário que o professor faça com que haja a interação entre alunos, sempre na intenção de fazer com que os mesmos sintam-se a vontade para se expressarem oralmente dando pareceres sobre o que foi lido, estudado, fazendo as possíveis interpretações das literaturas estudadas.

A leitura como fator essencial exige também certa postura, requer que o aluno saiba se posicionar ao ler para os outros que seja uma leitura seja de qualidade. Fazer uma boa leitura requer atenção, mas precisamos ter em mente que a leitura para se tornar essencial para criança não deve ser cansativa e estressante sem interesse algum. E nunca é de mais lembrar que tudo em excesso cansa. Por esse motivo que queremos dar ênfase que a leitura precisa ser estimulada e não imposta. Há tempo para tudo, mas na medida em que o discente cria hábito pela leitura ele com toda certeza aprenderá com mais facilidade.

É nos anos iniciais de Ensino Fundamental que o aluno começa a construir sua autonomia como leitor. Para isso, é importante intercalar a leitura feita pelo professor com momentos em que todos devem ler sozinhos tanto na escola como em casa. Mas nada de resumos e questionários padronizados para testar os estudantes. Nova escola (2010, p. 52).

Mais do gratificante para os professores que buscam formar bons leitores e para quem tem contato direto com os livros, ou seja, os alunos que com a ajuda de seus professores comecem a explorar textos mais complexos com a intenção de ampliar mais seu vocabulário e se familiarizar com os textos. O professor precisa dar espaço suficiente para que o aluno tenha autonomia e consiga sozinho ler com facilidade, perdendo o medo dos livros e adentrar em um mundo de grandes conhecimentos. Dentro de um contato direto com os livros os alunos eles adquirem confiança para interpretar as mais diversas situações existentes, começam a desenvolver autonomia, e isso só se faz lendo.

Os educadores precisam criar uma comunidade de leitores a partir da sala de aula, utilizando-se principalmente da biblioteca da escola, ou seja, dentro da escola deve haver um momento em que todos possam participar dando suas opiniões.

Quando a escola não proporciona um acolhimento aos alunos mais específico, a criança deixa de vivenciar situações de construção até mesmo de sua própria identidade e a escola perde a oportunidade de participar da construção da aprendizagem das crianças. Precisamos ter novas perspectivas para uma aprendizagem de qualidade, mas para isso precisamos inovar nossas metodologias em sala de aula levando nossos alunos a construção de grandes conhecimentos. Ao falar em novas perspectivas educacionais, não podemos deixar de citar que além do incentivo que devemos dar em relação à leitura devemos estar bastante atentos a contribuição que a tecnologia pode proporcionar no desenvolvimento do ensino aprendizagem. Entendemos a família desempenha um papel significativo nesse contexto bem como no acompanhamento de seus filhos durante o ano letivo, procurando participar de todas as atividades propostas pela escola.

O ideal é que a rotina diária de sala de aula momentos em que os alunos sejam incentivados também a levar até mesmo pequenos exemplares para casa, não que isso possa se tornar uma tarefa obrigatória.

Para Luckesi (1994, p. 144);

O livro didático, de forma alguma, deve ser instrumento descartável no processo de ensino. Ele é um instrumento importante, desde que tem a possibilidade de registrar e manter, com fidelidade e permanência a mensagem. O que está escrito permanece escrito; não é tão perecível quanto à memória viva.

A importância da leitura como fator essencial na aprendizagem dos nossos discentes é tão imprescindível que os mesmos precisam ter habilidade de ler e compreender os textos, pois é uma condição no qual a pessoa encontrará sérias dificuldades para enfrentar os desafios na sociedade tal como está organizada atualmente. As diferentes formas de interação social estabelecem que um indivíduo possua competência de ler para alcançar seus objetivos e se inserir na maioria das situações sociais, seja no mercado de trabalho na condição de leitor ou, pois deve interpretar corretamente os dados explícitos em cada situação.

A capacidade de realizar boas leituras também é um fator relacionado ao crescimento pessoal, pois mexe com a capacidade de aprender de forma autônoma. Portanto, a leitura deve ser um processo que requer diversas análises diariamente para que possa se melhorar a aquisição do conhecimento, havendo influência por parte do docente quando necessário.

Porém, devemos esquecer que a competência é construída e reconstruída durante o processo de ensino-aprendizagem contínuo.

Desenvolver habilidade de ler exige do aluno pré-requisito sejam estabelecidos para que assim possam ser estabelecidas situações didáticas diferenciadas, capazes de se adaptar à diversidade na sala de aula. Dessa forma, desenvolver habilidades de leitura na criança depende de compartilhar e ajuda mútua nas atividades propostas do âmbito escolar. Assim a responsabilidade se torna caracterizada tanto para o professor quanto ao aluno. E com isso se faz necessário que o educador analise sua prática constantemente a partir de determinados parâmetros articuladores dentro de sua metodologia de ensino.

As últimas pesquisas em relação à leitura apontam para algumas modificações que remetem ao ensino da leitura como fator essencial para a aprendizagem. Tais modificações só são mais perceptíveis quando revemos alguns conhecimentos que dizem respeito a prática da condução da leitura em sala de aula. Em outras palavras, podemos dizer que neste caso prevalece a visão do professor ou a resposta do livro didático pré-definido. Essa postura diante da leitura como fator essencial para educação tem se revelado ineficiente porque não leva em conta a formação do leitor. Percebemos então, a importância que a leitura tem em nossas vidas, pois quanto mais se lê, mais se amplia a competência para apreender o diálogo que os textos travam entre si por meio de referências, citações e alusões contidas em cada contexto. Sendo assim, a cada livro que lemos podemos tornar maior a nossa capacidade de apreender de maneira completa o sentido do texto.

A leitura pode ser idealizada como um processo pelo qual o leitor atinge um trabalho ativo de concepção e interpretação de texto, a partir de seus objetivos, acionando o seu conhecimento sobre o assunto, e de tudo o que sabe sobre a linguagem etc.

Sendo assim:

Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos e validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 2001, p. 69).

Para que seja realizada uma leitura plena é admirável é preciso que o professor seja capaz de entender a leitura como um processo, no qual estão inclusos vários tipos e níveis de leitura, dos quais o professor deve ter um total domínio e, do ponto de vista pragmático, saibam desenvolver seu trabalho em sala de aula oferecendo atividades nas mais distintas fases do processo de condução da prática da leitura.

Abordando ao assunto, sempre que nos deparamos com um texto qualquer, por mais simples que possa nos parecer, geralmente o leitor se defronta com a dificuldade de encontrar unidade por trás de tantos significados que ocorrem na sua superfície. Portanto, ao conduzir a leitura o professor precisa observar os diferentes níveis, é importante que o mesmo aja de maneira cautelosa, principalmente, quando este for o primeiro contato do aluno com dado texto, porque desta primeira leitura serão extraídas informações um tanto superficiais sobre o conteúdo abordado quanto as mais complexas, além de prepara cada vez mais o discente para um nível ainda mais elevado da leitura.

Durante a interpretação propriamente dita, é cabível destacar palavras-chave para facilitar a interpretação dos alunos, bem como usar uma palavra para resumir a idéia central de cada parágrafo. Este tipo de procedimento aguça a memória visual, favorecendo o entendimento e o aprendizado de ambas as partes envolvidas.

Os textos lidos devem propor empatia com o leitor deve estar permeado de motivação. O aluno só gosta de quando a leitura lhe propõe prazer. Os textos devem propor em si dinamicidade e proximidade do mundo do leitor. Quando não trouxer proximidade deve propiciar curiosidade. Os jogos didáticos pedagógicos, nesta tendência, seriam mais valorizados que os materiais concretos. Eles podem vir no início de um novo conteúdo com a finalidade de despertar o interesse da criança ou no final com o intuito de fixar a aprendizagem e reforçar o desenvolvimento de atitudes e habilidades. O professor não pode subjugar sua metodologia de ensino algum tipo de material por que ele é atraente ou lúdico. Zilberman (1999, p.91).

O livro didático possui um papel importantíssimo na vida cotidiana do aluno. Muitas vezes ele é a única fonte de leitura e metodologia disponível dentro e fora da sala de aula. Boa parte dos alunos tem a escola como o único espaço que pode proporcionar acesso a leitura de textos escritos, os quais podem se converter decisivamente em modelos para a produção textual. Dessa forma, o livro didático não deve ser utilizado como única fonte de leitura para o indivíduo, apesar de a aquisição da leitura funcional ser a tarefa primordial da escola, sendo ela um pré-requisito para o sucesso escolar e extraescolar.

A seleção do livro didático tem sido mais criteriosa, no sentido de que há uma preocupação por parte dos autores de aproximar os estudos sobre o uso do livro em relação aos textos, por isso se oferece cada vez mais uma variedade maior de gêneros textuais que, de alguma forma envolva a realidade do aluno. O problema não diz respeito somente à variedade textual, mas, sobretudo as abordagens que são feitas envolvendo a leitura. (BEZERRA, 2005, p.67).

O professor em sala de aula tem uma séria responsabilidade e o privilégio de incentivar e motivar o gosto na criança pela leitura que pode ser desenvolvido também através de uma leitura em voz alta, a qualquer momento. De fato, ninguém resiste a uma boa leitura

ou até mesmo uma história bem contada ou mesmo até mesmo um texto cheio de grandes informações que seja instigante e bem escolhido. Os alunos ao ouvirem textos em voz alta, os mesmos poderão diminuir a aversão para se expressarem também em voz alta tanto para o professor na sala de aula como para seus colegas. E para que isso ocorra é necessário também motivar a escuta de textos com modificação e alteração no tom de voz, enfatizando as expressões, a fim de dar vida ao texto. Uma troca de ideias na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor se torna uma excelente estratégia de construção de conhecimento.

Precisamos sempre ligar a aprendizagem/educação a um processo que habilite o educando a olhar sua vida, idealizando assim projetos futuros de aprendizagem significativa chegando até a uma leitura essencialmente importante.

Dentro de nossa atual sociedade, programas de incentivo a leitura tem-se multiplicado por todo lugar e instituições educacionais para formação de leitores. Infelizmente no Brasil poucas pessoas possuem o hábito de ler, bem como são poucas as instituições escolares que proporcionam o acesso à leitura aos alunos, pois os alunos são forçados a ler, lêem totalmente fora dos padrões estudantis que deveriam ler. Tais escolas que forcem seus alunos a lerem não formam cidadãos críticos donos de seus conhecimentos plenos, apenas preparam pessoas para o exercício de alguma ocupação. Efetivar-se o adestramento literário não nos faz interagir com a sociedade atual, tão pouco formar cidadãos que possam através da leitura, revelar seus conhecimentos, procedimentos e saídas eficazes para determinadas situações.

A leitura como fator essência para aprendizagem educacional constrói dentro do ser humano, um campo enorme de conhecimento, seja do mundo como de si mesmo. De acordo com Paulo Freire, “a alfabetização constitui um fato que estimula, pela aquisição da linguagem, a emancipação do sujeito em sua relação ativa com o mundo”. (1995). A reformulação do ensino no Brasil é uma questão em torno da qual, estão centradas inúmeras discussões, visando desde a formação de um cidadão crítico, reflexivo e capaz de atuar na sociedade, até as normas impostas pela mesma para cumprimento da lei, considerando sempre valores éticos, morais e sociais.

Mediante a tudo isso, o que se propõe é uma educação voltada totalmente para uma aprendizagem de qualidade que tenha a leitura como base para o conhecimento e que deve garantir além da aquisição de conteúdos programáticos essenciais para a contextualização dos conhecimentos científicos uma formação crítico-social para o aluno com condições de enfrentar o mundo com mais autonomia. E a tarefa tanto dos pais quanto dos educadores formar bons leitores e é de responsabilidade dos educadores das diversas disciplinas não

apenas de Língua Portuguesa, permite aos alunos aprender a aprender, configurando-se como uma atividade de ensino em todas as áreas.

De acordo com Kuenzer (2002, p. 101), “Leitura, e escrita fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala, repetindo, são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas”. Desse modo, precisamos observar a leitura na sala de aula não apenas como uma mera metodologia, mas como algo indispensável para o desenvolvimento do discente, e em se tratando de leitura e compreensão do que foi lido, fica a mensagem que o autor tenta transmitir através de determinados vocabulários, mas, sempre comprometido com o estar do educando no mundo e sua formação.

Ser leitor é compreender situações para a formação cultural do indivíduo, ou seja, “[...] é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas” (SILVA, 1991, p.79-80), atividade que pode contribuir para a formação do sujeito e também determina a sua condição de atuante no seu meio sociocultural. Construir definição para o texto é tão somente envolver, trabalho que não se constitui com facilidade em se tratando da leitura de textos em sala de aula. Dessa forma, se faz necessário adotar práticas que priorizem em vez de procedimentos quase sempre decorados, o entendimento e a concepção do que está sendo ensinado e como consequência que o aluno possa adotar posturas que possibilitem fazer do uso da leitura para a prática do conhecimento na vida, uma vez que tão importante quanto aprender a compreender é utilizar-se de tal compreensão para se tornar uma pessoa apta a exercer sua cidadania e a fazer parte de um mundo de mercado de trabalho altamente competitivo.

Segundo Kuenzer (2002, p.101), “ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção”. Uma leitura crítica é agente de grandes significados, em que ao ler, o educando cria seu próprio texto com embasamento no que foi lido, concordando ou não com a ideia principal. Isto faz com que seja distinguida da decodificação de sinais, reprodução mecânica de conhecimentos que por muito tempo foi considerado como interpretação textual, virando assim uma prática contínua principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, servindo apenas para servir como respostas aos questionamentos feitos a respeito do que estava escrito, “[...] como atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos” (BRANDÃO E MICHELITTI apud CHIAPPINI, 1997, p. 22).

Sendo assim, não se deve apresentar ao aluno uma leitura estética que se centralize no sentido primeiro das palavras, mas sim em uma leitura que abra os caminhos do conhecimento, que oportunize ao leitor, criar e recriar tudo e qualquer texto a ele apresentado. Entretanto, formar um leitor crítico é tarefa crucial de um professor que também se encaixa num perfil inovador, não sendo possível ao docente que não tem esse domínio, exigir do seu aluno algo que ele próprio ainda não utiliza ou não é capaz de fazer com segurança e comprometimento.

Para Brandão e Michelitti apud. Chiappini (1997, p. 17) “O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra”. Comprendemos, então, que ler não é um trabalho fácil, uma vez que se trata de capacidades no qual muitas vezes encontramos adormecidas, e reavivá-las precisa-se de tempo e estratégias altamente atrativas o suficiente para atrair o leitor.

Para tanto, um texto não pode ser visto apenas como algo concluído e acabado, ao contrário, deve ser compreendido como uma estrutura inacabada que precisa que alguém o finalize e atribua um caráter significativo. O discente deve ser visto como um leitor que precisa se aperfeiçoar, além de que ele deve ser visto como peça fundamental no processo de leitura e na interação leitor-texto, integrado às demais atividades propostas também em outras disciplinas, não devendo ser responsabilidade só do professor da disciplina de Língua Portuguesa. Essa atitude proporciona um ensino-aprendizagem mais evidente e voltado para o desenvolvimento do raciocínio do estudante em grandes áreas de conhecimentos.

E essencial vermos a leitura como uma necessidade, um gosto para o despertar do prazer do ato de ler no estudante para que ele possa absorver e aprender cada vez mais além de desenvolver suas competências leitoras dentro e fora da escola. Nessa concepção, a escola necessita rever seus conceitos e ter determinado que tipo de leitor que quer formar, qual o tipo de leitura está disponibilizada para seus alunos a fim de que os tornem leitores críticos. Essa batalha pode chegar ainda à sensibilização dos leitores diante da necessidade de compreender definitivamente o que se está lendo. Uma vez que terá grande significado não só para a vida escolar mais para o trabalho.

Para Kleiman (1998, p. 61):

O ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno.

De acordo com a autora acima mencionada, se o trabalho com a leitura na sala de aula não tiver embasamento numa concepção bastante definida de leitura, ou seja, se o professor na sala de aula juntamente a escola não tiverem teoria suficiente e objetiva definida acerca do que se pretende através desse trabalho, o próprio corre o risco de tomar outros rumos, distanciando-se do que se pretende ensinar que é utilizar a leitura como fator essencial para aprendizagem formando cidadãos cada vez mais críticos e reflexivos.

Pressupondo-se que no ensino fundamental os estudantes não estiveram em contato com atividades envolvendo a leitura, centrada em concepções definidas que focalizam a formação do leitor crítico e o despertar para o ato de ler, para compreender e gerar significado, sem se deter apenas ao que o autor quis dizer, mas complementando e recriando o sentido do que foi escrito “cabe ao ensino médio oferecer aos estudantes oportunidades de uma compreensão mais aguçada dos mecanismos que regulam nessa língua [...] (BRASIL, 2002, p. 55).

Ler compreensivamente é utilizar uma prática que precisa ganhar cada vez mais espaço nas escolas e fora dela, pois é através desse ato que o indivíduo compreende o mundo e a sua maneira de nele atuar como cidadão, sensibilizado dos seus direitos e deveres.

Para isso, devemos considerar o que afirma Brandão e Michelitti apud. Chiappini (1997, p. 22):

A leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios (linguísticos, textuais e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto, que não se limita à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas.

Nesse ponto de vista, o ponto de partida para uma leitura verdadeiramente significativa é a formação de bons leitores, movido pela sua responsabilidade diante do ato de ler e da realização de uma leitura compreensiva, mais ponderada diante da formação do indivíduo para agir e interagir em seu meio social entende-se que o valor da leitura é essencialmente importante. Assim, é eficaz para o sucesso com o trabalho da leitura em sala de aula, a utilização de estratégias a fim de envolver o educando num universo textual amplo e diversificado, fazendo-se necessário que o mesmo tenha o máximo de contato com várias literaturas. As estratégias utilizadas em relevância à prática da leitura envolvem vários tipos de conhecimentos e várias habilidades do leitor ao manusear cada tipo de texto.

Segundo Kleiman (1998, p. 49):

Quando falamos de estratégias de leitura, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira como ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê.

É importante enfatizarmos que para a autora citada acima, o trabalho com a leitura que se utilize estratégias, as quais oportunizem aos alunos adquirirem certa intimidade para abordar o texto, adquirindo intimidade também com a parte escrita, criando estilos próprios de entrar em contato com a leitura compreendendo sempre o que leu. No entanto, não são suficientes para garantir que o trabalho com a leitura na sala de aula se concretize, se fazendo necessário, então, um planejamento cuidadoso e principalmente coerente com a realidade do aluno. Planejar sempre é uma boa opção para quem quer trabalhar com a leitura como fator essencial para a aprendizagem do educando, professores que fazem um bom planejamento sabem como lidar diariamente com seus alunos em sala de aula.

A leitura é uma atividade que está presente não só na escola, mas em todas as atividades que envolvem as disciplinas curriculares. Lemos para ampliar os limites de nossos conhecimentos. É por isso que precisa se fazer presente no cotidiano não só de quem estuda não como algo paralelo do seu ensino-aprendizagem, mais como algo essencial para o desenvolvimento cognitivo e principalmente dentro de um contexto real de leitura. Pois, “Heráclito nos ensina que ninguém desce duas vezes no mesmo rio, pois suas águas mudam constantemente” (NASCIMENTO & SOLIGO, 1999, p. 40). Assim, também se modifica o texto a cada leitura que fazemos, porque o nós colocamos nele as experiências, os conhecimentos, aspectos de toda uma cultura. Por isso, para se trabalhar com a leitura na sala de aula precisamos criar situações com as quais os alunos possam interagir com os textos, não só uma, mas várias vezes, para perceber que seu conteúdo é uma fonte inesgotável de informação e de criação de novos conceitos.

Para assegurar a prática da leitura na escola Nascimento & Soligo (1999, p.40) fala a respeito: “exista ou não um ambiente privilegiado, o mais importante é mesmo o trabalho de leitura que se faz”. “A formação de leitores não depende da existência de um local determinado”.

A leitura como fator essencial para uma aprendizagem significativa não se resume na atividade de passar os olhos sobre o que está escrito, é uma tarefa mais complicada e que mesmo frente a inúmeras discussões e estudos a respeito do assunto, ainda não foi possível chegar a uma conclusão clara e objetiva de como é que se realiza o ato de ler. Ao sugerir a leitura para os alunos, é essencial considerar a complexidade do ato de ler para não lhe exigir algo que não seja capaz de realizar em relação à leitura, “[...] o processo de leitura depende de várias condições: a habilidade e o estilo pessoal do leitor, o objetivo da leitura, o nível de conhecimento prévio do assunto tratado e o nível de complexidade oferecido pelo texto” (SOLIGO, 1999, p. 53).

Portanto, a preocupação que temos relacionado a leitura como fator essencial na aprendizagem dos educandos centra-se na necessidade de fazer com que os mesmos compreendam cada texto manuseado pelos mesmos, compreenda ainda que ele é capaz de se tornar um bom leitor não só na escola mas para a sociedade em que vive entenda que a leitura se faz importante e necessária. E para isso o aluno precisa estar motivado a interagir com a literatura, buscando cada vez mais entender cada conteúdo proposto. Por fim, para formar leitores críticos, para o exercício da leitura é imprescindível um tipo de leitura que permita ao leitor discorrer sobre o texto e criar possibilidades para compreender as entrelinhas e a medida que concretiza novas leituras, acaba criando novas alternativas para construção de significados com mais confiança, dedicação e autonomia.

### **Contextualização de ensino da leitura e a pratica escolar**

A leitura e escrita vivenciadas no cotidiano em sala de aula é sem dúvida, um tema de extrema importância, pois aprender a buscar uma metodologia adequada para superação das dificuldades encontradas no desenvolvimento da leitura e da escrita, facilitará o processo-aprendizagem. Cabem as instituições escolares a responsabilidade de traçar um plano de trabalho, ou seja, uma proposta pedagógica focado no desenvolvimento da leitura e da escrita, como pressuposto básico para formar leitores conscientes, capazes de interpretar, criar, estabelecer relações, lançar-se ao mundo de forma crítica e criativa a fim de conquistar espaços, em uma sociedade marcada pela competitividade.

O ato de ler deve-se iniciar nos primeiros anos e antes mesmo do ingresso da criança na escola. Pais que leram para seus filhos em voz alta, diferentes, Textos com histórias infantis, textos literários, textos jornalísticos, receitas ou mesmo listas de compras ou outros, obtiveram em consequência crianças que fazem da atividade de leitura um prazer, apresentando maior êxito na escola, pois se desenvolvem com grande facilidade, já que tem uma maior familiaridade com os textos escritos. No entanto, observa-se que a maioria dos alunos, que chega a sala de aula são advindos de lares que não incentivam para o mundo da leitura.

Nessa perspectiva, aprender a ler não tem um fim em si mesmo; não basta memorizar os símbolos da escrita e saber juntá-los, usando apenas a codificação e a decodificação. Entende-se que o conteúdo usado é também pré-texto para desenvolver funções cognitivas e operações mentais, tais como identificar, analisar, selecionar, organizar, comparar,

diferenciar, representar mentalmente, levantar hipóteses, promover relações virtuais e outros que, se bem desenvolvidos, beneficiarão a criança em outras situações de raciocínio.

Diante das evidências, há uma preocupação por parte dos educadores, principalmente, nas escolas do ensino fundamental, em incentivar a criança a ler. Devendo a sala de aula ser um berço de futuros escritores, artistas, se os educadores fizerem da literatura infantil e da leitura de outros textos um momento de lazer, onde o aluno sinta prazer em ler uma história, e não a veja como uma tarefa escolar a cumprir. Nas escolas, deve-se haver um cantinho especial para a leitura, e as crianças devem ter muitas oportunidades de folhear os livros, e lê-los individualmente e em grupos; as histórias lidas por alguns devem ser socializadas com os demais, e este é um trabalho que deve ser organizado pelo docente. “A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim.”(BRASIL, p.57).

Para que a criança aprenda com os textos a gostar de ler, é preciso também que o educador goste de ler e transforme sua sala de aula em um ambiente alfabetizador. Trabalhando as diversidades de textos, como: rótulos, parlendas, músicas, receitas, jornais e outros, permitindo que a criança compreenda as diferenças de interpretação, do significado de cada escrito, que muda conforme o gênero textual.

O processo de leitura tem sido concebido por vários educadores, durante muitos anos, como algo adquirido pela memorização. Então se ensinou durante décadas a ler e escrever seguindo uma sequência lógica de conteúdo. Primeiro aprendiam-se as letras do alfabeto, iniciando-se pelas vogais, encontros vocálicos; depois, consoantes, famílias silábicas, formação de palavras e, frases. E, finalmente, as crianças estariam prontas para iniciarem a escrita de textos, ou seja, copiarem textos prontos e sem sentido. Era comum solicitar que os aprendizes da escrita copiassem textos do tipo: "Eva viu a uva"; este, como outros de mesmo gênero, não tem significados, não fazem a criança pensar, não desenvolvem a criatividade, apenas tem a função de fixar as sílabas estudadas, decorando-as pela repetição constante.

Para aprender a ler, não basta conhecer os sistemas de escrita, mas conhecer as características da linguagem escrita, que mudam conforme o gênero do texto. Continuar alfabetizando pelo método sintético, que parte destas letras para as palavras, ensinando ao aluno como realizar os passos seguintes, insistindo nas orientações fonológicas aos alunos pré-silábicos que não possuem nenhum esquema, sequer, para soletrar palavras silábicas, não é o melhor caminho. "Apesar de apresentadas com dois sub-blocos, é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo do letramento". (BRASIL, 2008, p.52)

A escrita é algo, como o qual nós estamos tão envolvidos, que nem damos conta de como alguém vive sem lê e não escreve. Como uma criança encara estas atividades, de fato como funciona esse mundo, que nos aparece tão familiar e de uso fácil. Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. Portanto a escrita é uma atividade nova para a criança e, por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização, relata Cagliri. Espera-se que no final de um ano de alfabetização, saiba escrever e não saiba escrever tudo e com correção absoluta. Esse é um ponto importante que nos leva a uma reflexão, a preocupação com a ortografia durante o primeiro ano escolar.

Até mesmo a forma gráfica da escrita não é bem compreendida pela escola. Dissemos, sem pestanejar que usamos um sistema alfabético. Na verdade, esse sistema não possui uma única forma e nem é completamente alfabético (CAGLIRI, p.96)

Quando a criança começa escrever, ninguém explica para ela o que significas tanto letras, formas alfabéticas. Ela fica admirada diante das coisas que os adultos fazem com as letras, como o tempo acaba aprendendo de forma inadequada o que a escola pretende. Cagliri diz que o grande problema nesse caso é que a escola ensina a escrever, sem ensinar o que é escrever, joga com a criança sem lhe dizer as regras do jogo. Quando se fala em escrita, nos deparamos com dois métodos a escrita de forma e a escrita cursiva. A letra de forma a criança encontra nos livros e a cursiva é algo mais particular. Quando o aluno está sendo alfabetizado, é melhor usar a letra de forma, mas não se pode esquecer da cursiva. Sendo assim Cagliri relata que alguns professores fazem muita questão de enfatizar o uso da escrita cursiva e esquecem de verificar o que a escrita representa para a criança. É preciso ouvir das crianças o que é escrever para que serve a escrita, valorizando as opiniões que cada um possa apresentar.

Portanto, a escrita se diferencia de outras formas de representação do mundo não só porque induz à leitura, mas também porque essa leitura é motivada, isto é, quem escreve, diferentemente, por exemplo, de quem desenha, pede ao leitor que interprete o que está escrito, não pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indica, conclui Cagliri.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referência modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

O trabalho com a leitura e a escrita tem como finalidade a formação de leitores e escritores competentes, pois a possibilidade de produzir textos tem sua origem na prática da leitura. A leitura e a escrita como prática social é sempre um meio para múltiplas finalidades, e nunca um fim, pois ler é resposta ao objetivo a uma necessidade pessoal que deve ser incentivada e proporcionada pela escola.

Perrenoud diz que um dos múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler e escrever corretamente, pois a aquisição da leitura e a escrita é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar estas aprendizagens.

A globalização, como perspectiva que trata de explorar as relações entre os problemas objeto de pesquisa em diferentes campos de conhecimento e a importância de saber interpretar como aprendem os alunos” (HERNANDEZ, 1998).

A relação da criança, consigo mesma, e com o mundo, deve estar centrada nos valores presentes na sociedade, nas informações que a mesma oferece. Segundo Paulo Freire, a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo, e aprender a ler e escrever. Alfabetizar-se é antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto. A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.

Ensinar os alunos a ler no seu próprio dialeto é fundamental para formar bons leitores. A habilidade da criança como falante é decisiva para ser um bom leitor. E os alunos precisam de tempo para decifrar a escrita. Cada criança tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado

Ferreiro e Teberosky, guiados pela hipótese de que todos os conhecimentos supõem uma gênese, preocupando-se então em averiguar, quais são as formas iniciais de conhecimento da língua escrita e os processos de conceitualização resultantes de mecanismos dinâmicos de confrontação entre as ideias próprias do sujeito e a realidade do objeto de conhecimento, do outro.

Ferreiro tem como questão central conhecer como as crianças chegam a ser “leitores”, no sentido psicogenético antes de sê-lo no sentido das formas terminais de todo processo. No entanto quando se trata de interpretar o significado de um texto acompanhado de uma imagem a escrita recebe a significação da imagem que o acompanha. Ambos são assimilados sob o ponto de vista do significado que lhes é outorgado. Sendo assim, as

imagens podem ser mais facilmente interpretadas por si mesmas, mas como interpretar a escrita? O que a criança supõe inicialmente é que o significado de ambos é próximo, enquanto diferem as formas significantes. Portanto, há uma diferenciação a respeito dos significantes, mas se espera encontrar uma semelhança nos significados.

As autoras, ainda relatam que é evidente que a criança não compartilha conosco, os adultos, os conhecimentos de que a escrita é “linguagem escrita”. Isto é não supõe que representa a linguagem ainda que se interprete como a expressão visual de significados diferenciados. É por isso que a criança passa da imagem ao texto e desde àquela sem modificar a interpretação, porque ambos formam uma unidade e juntos expressam o sentido de uma mensagem gráfica.

Quando passamos da interpretação de um texto, à produção encontramos-nos como o mesmo fato: a criança espera que a escrita como representada próxima, ainda que diferente do desenho conserve algumas das propriedades do objeto a que substitui.

Pensar que a escrita representa os “nomes” não é ainda concebê-los como a expressão gráfica da linguagem; porém, é um passo importante nessa direção. A escrita se constitui como registros de nomes que servem como identificação do objeto referido: espera-se encontrar no texto tantos nomes quanto objetos existam na imagem (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999 p. 275)

Portanto, a distinção entre “o que está escrito” e o “que se podem ler” é necessária e indica uma diferente conceitualização a respeito do que é concebido como efetivamente escrito ou como podendo se ler “a partir” do escrito. Como exemplo a “hipótese do nome” diz Ferreira é uma construção da criança, no sentido de elaboração interna, que não depende da presença de uma imagem. Com efeito, se o conteúdo de um texto sem imagem é desvendado por um adulto, também neste caso a criança espera que sejam os “nomes” o que apareçam representados na escrita. Esclareçamos que o lido e o escrito são sempre orações completas, mas o que a criança concebe escrito são somente os nomes.

É evidente que antes de realizar a distinção entre desenhos e escrita a criança não podia dedicar-se a considerar as propriedades do texto. Porém, já vimos que, na necessidade de conservar uma atribuição, o sujeito coloca-se em correspondência com certas propriedades quantificáveis do significante substituto o refere. São justamente as variações quantitativas as primeiras propriedades observadas no texto. O atribuir nomes dos objetos grandes a trechos maiores não é mais do que o começo de uma consideração das propriedades do texto.

A primeira delas segundo Ferreira se constitui em função de exigir uma quantidade mínima de grafias para permitir um ato de leitura. Segundo este critério, as grafias se

classificam em: servem ou não servem “para ler”. A quantidade mínima situa-se em torno de 3 grafias, porque “com poucas letras não se pode ler”.

Que a legibilidade de um texto apareça associada a uma exigência de quantidade é uma hipótese construída pela criança, cujo caráter endógeno fica demonstrado pelo fato de que nenhum adulto pode tê-lo ensinado e porque em qualquer texto escrito aparecem anotações de uma ou duas letras.” (FERREIRO E TEBEROSKY 1999, p. 277).

Desta maneira, a distinção entre a imagem e o texto, apresenta o problema da distinção entre desenhar e escrever, enquanto atividades da própria criança. O identificar o texto como sendo “para ler” corresponde-se com as produções gráficas diferenciadas em grafias-garatuhas e grafias-escritas. Ou seja, a necessidade de distinguir os significados aparece expressa na diferença dos significantes.

Ferreiro e Teberosky expressam que escrever já se diferenciou nitidamente de desenhar já se diferenciou nitidamente de desenhar; porém, além disso, há um começo de consideração dos resultados e uma utilização de recursos para distinguir significados: basicamente, a variação nas grafias.

Uma vez integrada a variação se estendeu e desenvolve progressivamente em direção a consideração de características qualitativas: utilização de letras diferentes, da oposição cursiva-imprensa, variação da posição das grafias na ordem linear, etc. Concomitantemente, começa-se a considerar a variedade de tipos de escritas e a estabelecer diferenças entre grafias-letras, grafias-números e grafias que acompanham as letras. Ou seja, as características específicas da escrita se convertem em observações ao mesmo tempo em que se incorporam como variáveis necessárias dentro do sistema. Devemos situar um problema contemporâneo ao anterior, à distinção entre ler e olhar e mais, entre as ações específicas e as não-específicas com respeito a um texto.

Uma das principais diferenciações consistiu em distinguir entre olhar e ler: Segundo Ferreira, enquanto o olhar é uma ação implícita a atividade de ler, a recíproca não é verdadeira. Para ler é necessário olhar e algo mais não está definido senão pelo ler em si, mas cujos índices exteriores podem ser direção ou tempo de fixação do olhar. Fazer então esta distinção supõe ter aceitado a leitura silenciosa como o ato de leitura e outras das distinções são relativos à diferença entre contar e ler ou explicar e ler.

Chegados então a este ponto, é necessário fazer uma distinção teórica a respeito dos conhecimentos do aluno, cuja origem é diferente, conforme sejam conhecimentos socialmente transmitidos ou construções espontâneas provenientes do meio, fica claro que se trata de

interações entre o indivíduo e o meio, onde quem impõe as formas e os limites de assimilação é o indivíduo, mas a presença do meio é indispensável para a construção de um conhecimento cujo valor social e cultural não se pode esquecer.

Teremos então as hipóteses construídas pela criança, as quais são produtos de uma elaboração própria. É evidente que o que dominamos de hipótese do nome, critério de quantidade mínima e de variedade não podem então ser transmitidas por nenhum adulto, mas sim “deduzidos” pela criança em função das propriedades do objeto a conhecer.

A hipótese silábica entrará continuamente em conflito com a hipótese de quantidade mínima de grafias, tanto como os modelos até escrita propostos pelo meio. Desta dupla possibilidade de conflito surge, de acordo com nossa análise, as razões da superação da hipótese silábica, isto é a divisão da sílaba em sons menores, é possível superar o conflito. A quantidade de grafias resultantes da aplicação da hipótese silábica é menor que a quantidade mínima exigida e, obviamente, também menor que os modelos de escrita alfabética propostos pelos pelo meio. A hipótese silábica pode aparecer com sinais ainda distantes das letras do alfabeto, ou pode aplicar-se às letras, ainda que não lhes sejam atribuídos valores sonoros estáveis. O conflito entre as hipóteses internas, silábica e de quantidade, é resolvido, acrescentando um número de grafias que as previstas, conforme uma interpretação silábica. Portanto aceitar que uma oração está escrita não implica necessariamente todas as palavras que a compõem estejam escritas, pela distinção que a criança estabelece entre o escrito e o que se pode ler sobre o escrito, relatou Ferreiro e Teberosky.

Dentro de todo este contexto, sobressaem duas características: A coerência rigorosa que as crianças exigem de si mesmas e a lógica interna da progressão seguida, onde a respeito da primeira.

Assinalamos reitera mente, no decorrer da análise de dados, como as crianças, obedecendo a certas regras que elas mesmas deram, são coerentes até as últimas consequências (FERREIRO E TEBEROSKY, p. 282).

E a segunda:

Torna-se claro que a ordem de resolução de problemas que a criança constrói é muito semelhante a uma programação ideal. Com efeito, a criança começa por tratar de diferencial o gráfico-econômico do gráfico não icônico, antes de tentar fazer diferenciações no interior deste último conjunto (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 282).

Somente quando foram entendidas as razões para abandonar as hipóteses silábicas, pode-se passar a uma análise fonética e somente quando se compreende a forma de produção de escrita própria ao sistema alfabético, podem-se abordar os problemas de ortografia.

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA**

Primeiramente, este projeto de pesquisa está fundamentado na forma de abordagem qualitativa. Bogdan (1982) apud LUDK, 1996, p 11), “[...] tem um ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumentos. [...]” Ou seja o pesquisador deve estar atento as observações feitas no ambiente escolar, onde obterá dados necessários para a pesquisa. Seu público alvo será os educando com dificuldade na leitura e escrita na escola Municipal indígena Porto Cruzeiro.

Objetivo da pesquisa e identificar a metodologia empregada pelos docentes em sala de aula como está sendo ensinado o ensino aprendizagem na leitura e escrita, e os discentes serão partes integrantes da observação.

Contribuir a compreensão em relação a leitura e escrita em sala de aula. Proporcionar diferentes tipos de textos, identificar como a leitura vem sendo trabalho em sala de aula, analisar como está sendo trabalhado a metodologia utilizado pelo docente, enumerar as dificuldade encontrada pelos alunos no ensino da leitura e escrita.

A metodologia da escola deve ser adequada, envolvendo seus alunos. E no momento em que surgir algum problema com algum aluno é importante que haja uma mobilização por parte da escola, a fim de que solucionem a possível dificuldade. A escola deve esforçar-se para a aprendizagem ser significativa para o aluno. Com isso todos tem a ganhar, a escola, a família e principalmente seus alunos.

Nesta concepção a metodologia é fundamental dentro do planejamento do educador e o norte que será realizado no decorrer do ano letivo. Onde e desenvolvido os conteúdos e as atividade em sala de aula, de acordo com a realidade dos alunos na comunidade, assim e realizado e avaliado o comportamento, a dedicação, assiduidade, interesse, de todos.

Comprendemos que metodologias são caminhos a serem seguidos sempre na busca de conhecimentos. Para iniciar nosso trabalho nos utilizamos de fontes de pesquisa sempre baseados em autores para que assim nosso trabalho tivesse embasamento teórico.

A presente monografia está dentro da linha de pesquisa ensino da leitura e escrita, pois devemos evidenciar sempre a leitura como fator essencial para aprendizagem dos educandos.

Utilizamos de uma metodologia de cunho qualitativo descritivo, no campo dos que trabalham em enfoques qualitativos a pesquisa qualitativa tem apoio teórico na fenomenologia que é essencialmente descritiva “Na pesquisa qualitativa os dados são coletados inteiramente,

num processo de idas e vindas, nas diversas etapas e na interação com seus sujeitos”. (CHIZZOTTI, 2001, p. 89).

Dentro da pesquisa qualitativa o ambiente deve ser o mais natural possível, deixando todos a vontade para coleta de dados e o pesquisador é a chave principal da pesquisa. Os pesquisadores dentro da pesquisa qualitativa estão sempre preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.

Conforme Ludke & André (1986, p. 11):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento [...]. A pesquisa qualitativa supõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.

Para desenvolvimento de nossa pesquisa utilizamos o método de abordagem dialético. O enfoque dialético parte sempre da base, do que é real, no qual é analisado em sua profundidade. A dialética incide numa afinidade entre sujeito e objeto de pesquisa dentro de um processo de conhecimento.

Métodos de abordagem é um conjunto de procedimentos utilizados na investigação de fenômenos ou no caminho para chegar-se a verdade. Nesse método são envolvidas questões ideológicas, geradoras de polêmicas; sendo contrário a todo o conhecimento, os fatos são vistos em constantes mudanças, pois sempre existe algo que surge e desenvolve até se transformar.

Técnicas de pesquisa estão relacionadas diretamente com a coleta de dados, ou seja, é a parte prática da pesquisa. Dentre as mais variadas técnicas durante o desenvolvimento do nosso trabalho nos utilizamos da pesquisa bibliográfica, entrevistas (apêndice A) e questionário (apêndice B), aplicados junto aos alunos e professores da Escola Municipal Indígena Porto Cruzeirinho com alunos do 4º ano do II ciclo.

A pesquisa bibliográfica abrange toda uma bibliografia já tornada pública em relação ao que se está pesquisando. A pesquisa bibliográfica é uma fonte riquíssima de informações sobre o que se quer pesquisar foi de suma importância para nosso trabalho, pois através dela obtivemos embasamento para o nosso trabalho.

As entrevistas são constituídas como instrumentos eficazes na escolha de dados para elaboração de uma pesquisa desde que a mesma seja realizada e interpretada corretamente. E para que esta técnica de pesquisa seja evidenciada faz-se necessário que o pesquisador defina primeiramente os objetivos e tipos de entrevistas a serem seguidos. Durante nossa pesquisa procuramos deixar os envolvidos a vontade para falar sobre o tema em pauta, ambas as partes

tiveram total liberdade para questionar; nossa entrevista foi de forma de padronizada, pois a entrevista nesse sentido consiste numa conversa totalmente informal, podendo ou não ser alimentada por perguntas que surgem durante a conversação proporcionando mais liberdade para o informante. A princípio, realizamos entrevista com professores, que se dispuseram a responder nossas perguntas com muita atenção. Após a entrevista escrita, podemos ter uma conversa, um momento para o diálogo e exposição de pontos de vista a respeito do tema em questão, a leitura como fator essencial na aprendizagem em sala de aula, a fim de que os professores trocassem opiniões conosco.

Segundo Minayo (1994, p. 58) “em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto” [...]. Com a apropriação da situação na qual se encontrava o trabalho com a leitura na série envolvida, selecionamos os textos coerentes com o perfil da turma, com o intuito de levarmos para a sala de aula algo significativo e capaz de envolver o aluno, que por sua vez, pudesse estabelecer relações entre o que sabia e o que estava aprendendo. E a partir daí aplicamos um questionário com o intuito de coletarmos dados precisos para nossa pesquisa, o questionário foi aplicado com os alunos da referida escola do 4º ano.

Já os questionários é um instrumento de pesquisa que inclui todo um planejamento de execução, pois não precisa necessariamente que o pesquisador esteja junto do objeto da pesquisa. O questionário não se faz necessariamente a presença do pesquisador, as perguntas formuladas precisam ser bem claras e coerentes, sempre com um vocabulário ao nível de escolaridade dos investigados.

Utilizamos ainda o método da observação participante, onde consiste na “participação integral, real e efetiva do pesquisador como igual, confunde-se com o grupo ou objeto da observação”. (SILVA, 2006, p. 71). A observação participativa consiste na participação em tempo real do pesquisador e pesquisado, permitindo que ambas as partes se tornem parceiros na busca de uma solução para o que compreendemos ser o problema dos fatos.

“A técnica da observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. (MINAYO, 1994, p. 59).

Nesta técnica o pesquisador precisa primeiramente ganhar a confiança do grupo, fazer com que os indivíduos compreendam a real importância do que se está investigando, sem ocultar o seu objetivo principal formulado anteriormente.

Através da coleta dos dados foi de grande valia para o desenvolvimento de nossa pesquisa, obtivemos respostas para algumas dúvidas existentes o questionário. O grande questionamento durante a pesquisa foi como podemos desenvolver o gosto no educando pela leitura uma vez que não foram incentivados a ler desde antes adentrar a escola? Talvez o melhor caminho seja começar pelo educador, ou seja, o professor deve ser o melhor exemplo na sala de aula, um leitor ativo.

Foi possível finalizarmos nossa pesquisa analisando todos os dados coletados que nos fez verificar ou não algumas hipóteses formuladas antes do nosso trabalho e assim podemos descobrir o quanto a leitura se faz importante na aprendizagem do educando em todas as fases de seu desenvolvimento.

Conforme Minayo (1994, p. 74):

[...] através da análise de conteúdos, podemos encontrar respostas às questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação. A outra função diz respeito à descoberta do que está por traz dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem, na prática, ser complementar e podem ser aplicadas a partir de princípios da pesquisa quantitativa ou qualitativa.

Iniciamos as análises pela apresentação e descrição dos dados coletados, procuramos verificar as relações entre o pesquisador e todos os outros fatores relevantes a pesquisa, buscando até mesmo esclarecimentos sobre alguns fatores relevantes diante do tema em pauta. Portanto, nossa pesquisa foi desenvolvida sempre através da pesquisa qualitativa no qual podemos adquirir resultados bem significativos acerca do tema leitura como fator essencial para aprendizagem, procurando sempre conseguir informações no sentido de realizarmos um bom trabalho de qualidade.

### **CAPITULO III**

#### **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

É formidável que a leitura seja vista como uma prática cotidiana com diferentes funções, pelas quais os educandos possam perceber que necessitam do ato de ler não apenas para compreensão dos mesmos, bem como com a intenção de se comunicar com os demais, além de adquirir conhecimentos, ampliando assim seus horizontes em relação aos acontecimentos e questões inerentes ao seu bem estar dentro da sociedade. Podemos então, configurar a leitura como fator essencial no processo de ensino – aprendizagem, sendo uma necessidade básica na vida do indivíduo.

Mediante as observações foi possível verificar o quanto se faz necessário que os alunos tenham um contato maior dos educandos com os textos que possam evidenciar uma aprendizagem significativa. Procuramos fazer um trabalho que oportunizasse aos discentes um mundo diferente dentro de um novo olhar para as atividades propostas com a leitura, e consequência obter a formação de um leitor crítico, fator primordial na construção de uma sociedade mais justa e criativa.

Procuramos realizar nosso trabalho partindo do pressuposto de que a leitura desperta a competência na aprendizagem não só nas séries iniciais, mas dentre os outros anos da vida escolar do educando. Entretanto, estabelecemos necessidades, de que a leitura não seja vista apenas um “rótulo” para educação, mas como algo que seja essencialmente importante para o crescimento intelectual do aluno.

Sendo assim, o desenvolvimento da aptidão da leitura não se dá apenas através da decodificação de códigos ou de uma memorização mecânica. Mas sim, através de incentivo, motivação e comprometimento com a aprendizagem de nossas crianças, bem como devemos ter uma proposta centrada na leitura como sendo essencialmente necessária dentro de uma proposta pelo professor como tantas outras precisa ser estimulada pela escola mais precisamente pelo professor.

No decorrer de nossas observações, verificamos que os alunos, com os quais trabalhamos, não realizam leituras de forma crítica, estão na maioria das vezes arraigados a decodificação de palavras para formar frases e posteriormente textos, mas na maioria das vezes não são capazes de entender o que lêem e compartilhar sobre o que lhe transmitiu o texto lido, sentem –se envergonhados a compartilhar suas opiniões em relação o que foi estudado. Isso acontece em virtude de que as práticas de leitura que os mesmos estão habituados são apenas para responder exercícios propostos. Diante disso, podemos dizer que

falta estímulos para que nossos alunos possam se interessar pela leitura não apenas para resolver seus exercícios.

Se queremos motivar nossos alunos, precisamos saber de que modo nossos padrões de atuação podem contribuir para criar ambientes capazes de conseguir que os alunos se interessem e se esforcem por aprender e, em particular, que formas de atuação podem ajudar concretamente a um aluno, Fita & Tapia (2006, p.14).

Em suma, observamos que nossos alunos não estão em um nível de realizar leituras críticas, pela falta de motivação e incentivo, uma vez que a leitura é essencial na formação do ser humano sendo um fator eficaz para desenvolvimento intelectual do aluno em todas as áreas do conhecimento.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Indígena Porto Cruzeirinho no município de Benjamim Constant, na turma do 4º ano do II ciclo do Ensino fundamental, foram entrevistados quatro professores que responderam o questionário a clientela foi de vinte e quatro discentes, onde a referida escola atende uma clientela pertencente a uma classe de renda econômica baixa e média. E baseada nas respostas dos professores e alunos fizemos uma análise com as informações obtidas, no intuito de darmos consistência ao nosso trabalho.

Durante nossa pesquisa observamos que os professores estão cientes de que a leitura se faz importante para o educando, mas pouco é evidenciado tal metodologia dentro da sala de aula. E com base nessa observação questionamos junto aos professores se a leitura é importante, e o porquê de tal importância.

*“Sim, por que é através da leitura que o educando terá uma visão de mundo, ou seja, irá conhecer as dificuldades e a importância de ler”.* (Prof. A).

*“Sim, porque a leitura abre a visão do aluno para todas as disciplinas”.* (Prof. B).

*“Sim, porque através da leitura o aluno passa a saber interpretar o estudo em questão”.* (Prof. C).

*“Sim, pois a base para adquirir conhecimento e compreender o universo do mundo literário”.* (Prof. D).

Diante as respostas dadas pelos professores foi possível percebermos que os mesmos evidenciam ter conhecimento da importância que a leitura tem na formação do aluno, embora trabalhem tão pouco com esse tipo de metodologia para o incentivo da leitura. Isso se explica de certa forma a ausência de um maior desempenho e preparação por parte dos professores que deixam a desejar diante a participação dos mesmos pela melhoria do ensino de qualidade, tendo a leitura como base de todo conhecimento adquirido.

Sabemos que "a leitura envolve processos mentais com operações necessárias para a compreensão da linguagem, isto é, a atribuição de sentidos a tudo o que a mente pode captar,

compreender, apreender e interpretar na realidade dada por meio de uma leitura proficiente" (KLEIMAN, 1998, p. 126). Em concordância com a autora podemos ver que este é o verdadeiro desafio de todos os professores a cada dia: mostrar aos educandos que a leitura é um fator essencial na vida de qualquer pessoa, incentivando-os e motivando-os a uma leitura para obtenção de grandes resultados, tanto na parte de compreensão como na produção por parte do aluno diante aos mais variados tipos de texto.

O segundo questionamento feito aos professores foi – Como você incentiva seus alunos ao hábito da leitura?

*“Através das brincadeiras, dos jogos educativos e pelos exemplos de pessoas famosas que hoje são bem sucedida na vida”.* (Prof. A).

*“Ensinando a criança a ler e interpretar. Fazer Interpretações”.* (Prof. B).

*“Através de projetos e para isso precisam ler e interpretar os textos.”* (Prof. C).

*“Propondo-lhes variados tipos de livros, sendo contos, lendas, gibis, revistas e jornais e assim seu hábito é influenciado.”* (Prof. D).

De posse das respostas dadas pelos educadores, podemos observar que muito ainda tem que ser feito para que nossas crianças aprendam com a leitura. Nossos educadores precisam fazer mais do que apresentar livros a seus alunos, precisam mesmos e fazer com que os mesmos sejam conscientes do que a leitura realmente representa para si.

Não nos resta dúvida de que para que o aluno saiba valorizar a importância que a leitura tem, o ideal é que os educadores sejam sujeitos leitores com convicção das concepções de leitura e assim tenham tal convicção como fundamento para a sua prática cotidiana. Quanto maior é o domínio do professor em sala de aula melhor será sua versatilidade na forma de ensinar, alcançando assim os objetivos propostos anteriormente com base na leitura.

Perguntamos ainda aos professores se os mesmos levam seus alunos com frequência à biblioteca da escola, e o porquê?

*“Sim, para estimular a criança a ter o gosto e o interesse pela leitura”.* (Prof. A).

*“Sim, estimular a leitura é importante”.* (Prof. B).

*“Sim, pois o contato com obras literárias instiga o gosto pela leitura”.* (Prof. C).

*“Sim, um dos motivos é o incentivo à leitura, o outro é para ampliar seus conhecimentos”.* (Prof. D).

Incentivar a leitura vai muito além do que levar os educandos até a biblioteca, precisamos ter objetivos específicos para realizar as atividades propostas pelos professores.

Os PCN (BRASIL, 1998, p. 149) confirmam que:

O envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. De igual maneira, propiciar a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano.

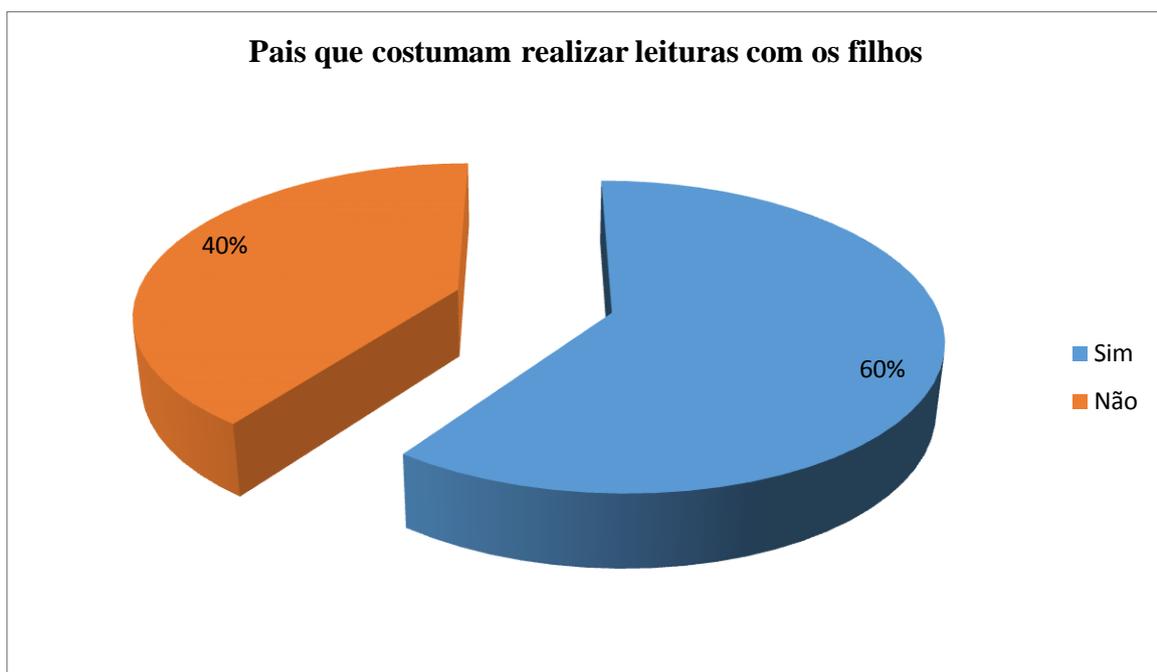
Nós como educadores devemos mais do que levar nossos alunos ao incentivo da leitura, devemos estar atentos as dificuldades que o aluno tem em relação a leitura e assim tentar resolver ou amenizar essas dificuldades. Precisamos incentivar, precisamos, mas precisamos mais ainda motivá-los com atividades diversificadas para que o hábito da leitura não se torne cansativo.

Ao questionarmos os alunos se os mesmos possuem o hábito da leitura, a maioria das crianças respondeu que sim, mas durante nossas observações foi possível vermos que os mesmos sentem uma certa dificuldade em ler textos mais complexos.

Questionamos ainda seus professores estimulam o hábito à leitura, em unanimidade a resposta foi positiva. É o que queremos que as crianças sejam estimuladas a adquirirem o hábito de ler, precisamos levar nossas crianças a terem um pensamento crítico de tudo o que lê.

Perguntamos ainda aos mesmos se seus pais realizam leituras com você? Para esta questão observamos o gráfico a seguir:

**Gráfico 01:**



Fonte: Natanael 2017.

Analisando o gráfico acima, podemos observar que embora a maioria dos pais acompanham seus filhos na leitura básica, existe uma boa porcentagem que não faz o mesmo. 40% dos pais ainda deixam a desejar quando se trata de leitura. A família deve ser a principal incentivadora de seus filhos a aquisição de uma leitura de qualidade. Se a família não faz brotar na criança desde cedo o interesse pela leitura ela chegará à sala de aula sem grandes interesses a aprendizagem através do ato de ler.

Desse modo, considerando que o docente é primordial e de certa forma um fator determinante na formação de bons leitores. De acordo com a visão de Vasconcelos o perfil ideal de um professor deve "ser um educador, ser um crítico das relações socioculturais da sociedade e ser um pesquisador, pois se um profissional da área não as possuir na dose adequada, poderá sentir-se desmotivado ou vir a desatualizar-se". O professor que em no seu cotidiano procura fazer de sua prática um processo no qual seus alunos saibam fazer da leitura sua principal base de aprendizagem, conseguirão realizar com mais sucesso o seu fazer pedagógico na sala de aula. Do contrário, de nada adiantará favorecer oportunidades de contatos com a diversidade de literatura existente se não há tempo para desenvolver tal atividade. O professor deve dispor de um momento de sua aula para que o aluno possa manter um contato com algum tipo de texto e fazer uma leitura, "Somente o professor que encara a leitura do aluno como um todo é realmente capaz de formar leitores". Bamberger (2004. p. 55).

Esperamos que todas as ações planejadas pelo professor sejam executadas com comprometimento e conhecimento da realidade em que se encontram os educandos. Nossa pesquisa nos revelou que muito ainda precisa ser feito para mudar a realidade existente, e que em sua maioria as crianças apresentam dificuldades em relevância a leitura. Precisamos mudar e diversificar as metodologias para uma aprendizagem mais eficaz para nossos alunos se queremos formar bons leitores precisamos inovar, estimular e evidenciar a leitura na vida de cada um.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais pensarmos em educação nos remete pensar primeiramente em metodologias capazes de fazer com que nossos alunos se interessem em aprender, e com a leitura não seria diferente ao pensarmos em leitura a primeira coisa que vem em nossa mente são “livros”, “textos”, “livro didático”.

Ao pesquisarmos sobre a leitura como despertar para função leitora para aprendizagem, tivemos a oportunidade de estar presente fazendo parte do cotidiano em sala de aula, observando as metodologias utilizadas pelo professor para uma aprendizagem da leitura significativa. Após esta pesquisa sobre a leitura como fator essencial na vida do educando, percebemos que o professor em sala de aula precisa compreender que a leitura é uma prática que deve ser evidenciada diariamente, um processo contínuo interligado à família.

Se houver uma relação entre família e escola com a intenção de fazer com que as nossas crianças sejam pessoas ativas e comprometidas com a educação. Convém lembrarmos também, que todo processo educativo precisa ter suporte num planejamento, no qual os objetivos sejam claros nas intenções e metodologias a serem utilizadas para o desenvolvimento de todo processo de leitura.

Para que nós pudéssemos chegar a uma conclusão, fez-se uma abordagem de forma geral a respeito do tema em pauta, buscando não só verificarmos a realidade do cotidiano escolar, bem como procuramos discutir de que forma podemos melhorar a cada dia nossa prática educativa profissional.

Nesta perspectiva, e com base nos resultados alcançados durante a pesquisa, constatamos que ainda precisamos melhorar e incentivar os educandos a prática de condução da leitura. Mediante a tal evidencia observamos a falta de gosto pela leitura nem sempre é pela ausência de oportunidade, mas em grande parte pela maneira como é conduzido o ato de ler.

Portanto, concluímos que os professores enquanto educadores frente a uma sala de aula precisam e devem ter domínio das concepções referentes à leitura, cada tipo e níveis são mais eficazes a serem aplicados diante a realidade existente em sala de aula. Dessa forma, podemos afirmar que cabe ao educador valer-se dos recursos didáticos disponíveis, buscando construir e reconstruir suas técnicas de ensino sempre a partir do que o aluno já traz consigo.

Priorizando sempre a necessidade de cada aluno, fomentando neles o gosto pela leitura dentro de um recinto aprazível. Antes de qualquer trabalho de leitura devemos nos perguntar sempre: o que ler, por que ler e pra que ler? Nós, enquanto professores e futuros professores, somos os principais responsáveis pela missão de capacitar os alunos ao descobrimento de uma leitura crítica com potencial emancipador, além de sabermos um leitor crítico é por definição um bom leitor, nunca um simples decifrador de códigos. São com base nessas reflexões que poderemos vir a sermos capazes de melhorar a condução da prática de leitura como fator essencial para uma boa aprendizagem e assim formar alunos leitores, donos de seus saberes

## REFERÊNCIAS

- \_\_\_\_\_, Fernando. **A organização do currículo por projetos de trabalho.** Fernando Hernández e Montserrat Ventura, trad. Jussara Haubert Rodrigues. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998b.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura.** São Paulo: Ática, 2004.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos** in: O Livro Didático de Português\_ múltiplos olhares. 3ª ed. Editora Lucerna 2005.
- BRANDÃO, H; MICHELITTI, G. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais; Língua Portuguesa.** Brasília, vol.2 1997.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Portuguesa: Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries.** 2ª impressão 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo. Ed. Scipione, 2003.
- CHIAPPINI, L. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos.** Vol. II. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FITA, J. A. & TAPIA, E. C. **A motivação na sala de aula.** São Paulo – SP: Loyola, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Em três artigos que se completam. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho.** Fernando Hernández; trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre. Artmed, 1998ª.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática.** 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- KUENZER, Acácia (Org.). **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação.** – São Paulo: Cortez, 1994.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. In: DESLANDES, Suely Ferreira e outros. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Cecília Regina do & SOLIGO, Rosaura. **Leitura e leitores**. – Brasília: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

Reflexão sobre alfabetização: tradução Horácio Gonzalez. 24. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2001.

FEIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 29 São Paulo: Cortez, 1994.

REVISTA, **Nova Escola**. Ano XXV. Nº 194. Agosto de 2010. São Paulo: Editora Abril.

SANTOS, S. M. P. dos. **O lúdico na formação do educador**. 6ª Ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

SILVA, A. L. et al. **Pesquisa e prática pedagógica I**. Manaus: UEA/PROFORMAR, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOLIGO, Rosaura. Para ensinar a ler. – Brasília: Cortez, 1999.

SOLIGO, ROSAURA\_. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação à Distância. (Cadernos da TV Escola) v. 1 – Português. VELIAGO, Rosângela. Como ganhar o mundo sem sair do lugar. – Brasília: Cortez, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

## APÊNDICES



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

O objetivo deste questionário é diagnosticar na Escola Municipal Indígena Porto Cruzeiroinho com os agentes educacionais a questão da importância da Leitura. Diante disso, eu Natanael Valejo Sales, pesquisador neste projeto, busco com orientação e afinidade encontrar resultados pertinentes para a execução e descrição dos resultados.

**APÊNDICE I – PERGUNTAS FEITAS AOS PROFESSORES.**

1- Há quanto tempo você trabalha nas séries iniciais?

2- As crianças apresentam mais dificuldades para:

Ler  Escreve  Ler e escreve

3- Quais os maiores problemas que a criança apresenta ao chegar a escola?

4- Você leva seus alunos com frequência a biblioteca da escola a qual trabalha?

5- As crianças apresentam dificuldades para estudar:

Língua portuguesa  Matemática.

6- Com que frequência os pais dos alunos vem a escola?

Diariamente  Semanalmente  Mensalmente  Às vezes

Só na reunião  Nunca.

7- Para você a leitura é importante? Porque?

8- Como você incentiva seus alunos ao hábito da leitura?



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

O objetivo deste questionário é diagnosticar na Escola Municipal Indígena Porto Cruzeiroinho com os agentes educacionais a questão da importância da Leitura. Diante disso, eu Natanael Valejo Sales, pesquisador neste projeto, busco com orientação e afinidade encontrar resultados pertinentes para a execução e descrição dos resultados.

**APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.**

1- Você possui o hábito de leitura?

Sim  Não

2- Seus professores costumam estimular o hábito a leitura?

Sim  Não

3- Seus pais costumam realizar leituras com você?

Sim  Não

4- Você costuma frequentar a biblioteca de sua escola?

Sim  Não  Às vezes

5- Você costuma ler tanto em casa quanto na escola?

Sim  Não

6. O mais você gosta de ler?

Gibis.

Revistas.

Jornais.

Seus livros didáticos.

N.D.A.